

MARIA HELENA LUCAS

"Para ser popular, para ser viva, a marioneta deve ter a sua actualidade".

PAUL-LOUIS MIGNON

O QUE É UMA MARIONETA

Alguns autores atribuem a estes bonecos, com pereceças mais ou menos humanas, origens remotíssimas e derivam a sua designação actual de umas "petites Maries" que se usavam na Idade Média para gáudio das populações nao ilustradas.

Outros especialistas encontram nelas ligação com pequenos titeres de madeira, muito vulgares na Itália, onde sao conhecidos sob a designação de "Marie di legno" (Marias de madeira), manipuladas durante as festividades celebradas em honra da Virgem.

Seja qual for a etimologia a atribuir ao termo, a verdade è que o uso do titere pertence ao mundo antigo e se perde na contagem dos anos.

Com efeito, entre as descobertas arqueológicas realizadas em todo o mundo, contam-se vários bonecos articulados que devem ter pertencido, nao apenas a crianças (estou a pensar no boneco encontrado por Boldetti num cemitério infantil), mas também a adultos que deles se serviram para vários fins, sendo, naturalmente, o principal o Teatro.

Tanto os gregos como os Romanos lhes devem ter prestado toda a sua atenção, dada a manifesta per feição que atestam alguns exemplares seus, expostos no museu do Louvre, com técnicas de movimentação que chegaram aos nossos dias.

Aristóteles refere-se a bonecos articulados por meio de fios; por seu turno, o célebre Galeno exprime-se, anatómicamente, nestes termos: "Assim como os títeres de madeira se ajustam por fios, assim a Natureza construiu, da mesma maneira, as várias articulações do nosso corpo".

Se quisermos ir mais longe ainda, procuraremos na

plástica religiosa a primeira marioneta, iconográfica-mente tratada, quando o artista tira de tosco tronco de madeira feições humanas.

Primeiro símbolo a que em breve se imprime movimento, por processos mecânicos que permitam dar à figura representada maior expressao.

Foram, pois, estes bonecos adorados primeiro nos templos, antes de virem dar vida à praça pública, numa espécie de microcosmos teatral, nao menos profundo e significativo do que o da simbologia hierática.

E, porque nao atribuir também a essas manifestações do velhíssimo culto um sentido dramático? .

Apetece chamar já palco de títeres àquela casita que Gayet descobre no Egipto, cujas portas, ao abrirem, mostram bonecos onde se encontrava um boneco articulado por fios, representando a deusa Isis.

Este culto milenário que utilizava figurinhas móveis deve ter-se estendido a todo o Oriente e ter sido do conhecimento dos povos primitivos, **que dele se serviram já para fins altamente morais e educativos.**

Com a advento do Cristianismo, a marioneta continua a servir temas teológicos. Cenas alusivas à Paixao e ao Natal foram entao ilustradas por este novo artefacto, em toda a Europa crista, com tal aparato cénico que atraíam peregrinos de toda a parte, e com tal requinte na manipulação que conseguiam tocá-los, íntimamente.

Dentro em breve, é necessário tirar o títere da Igreja e trazê-lo à via pública, de molde a ser apreciado por maior número de espectadores.

Há noticia de se haver representado em Reims um drama litúrgico, com 3500 figurinhas animadas. Tratava-se de uma peça gigantesca, destinada a informar os fiéis sobre passos da História Sagrada e a convidá-los a uma revisao sobre a sua conduta moral.

O testemunho histórico mais eloquente da alta finalidade educativa de marioneta está ainda naquelas 20 libras que Luis XVI paga, diariamente a um manipulador, encarregado de apresentar ao Delfim esse espectáculo que o soberano considera útil “para a instrução da juventude”.

Dupla missão, **educativa e recreativa**, eis o programa que o títere tem vindo a cumprir, através da História.

A seriedade: emprestada a esta técnica faz que o teatro de marionetas possa competir com o normal, desde longa data. E disso exemplo o recurso a sessões de títeres, feitas, exclusivamente, para atraírem o público, durante a representação das Atelanas, na antiga Roma.

A marioneta não ganha apenas a sala de espectáculos. Aparece sempre que se registem aglomerações de populares. Foram afamadas as feiras de Francfort, onde Goethe pôde encontrar sugestões para a lenda do Fausto.

Nos nossos dias, são numerosas as companhias que se servem destes bonecos, os quais se podem contar por centenas de milhares, de todas as formas e dimensões, incluindo os utilizados nas sombras orientais.

Seja, porém, qual for o processo de manipulação, a marioneta será sempre **“uma figura inanimada que, guiada pela mão do homem se move, perante os espectadores”**.

Figura inanimada, insistimos. Não importa que exprima feições humanas. Pode não passar de uma simples estilização, de uma abstracção, que nada tem que ver com o ser humano ou com o animal.

Basta que com ela se faça uma recriação da Vida. Por essa recriação se tem batido, desde o fruste tronco de árvore até à marioneta de vanguarda, criada em Zurich por Fred Schneckeburger.

A MARIONETA NAS ACTIVIDADES

EDUCATIVAS

Está fora de qualquer contestação o alto valor constructivo desempenhado pela marioneta, no meio educacional, quer aplicado a processos terapêuticos, quer a fins meramente recreativos.

Os modernos psiquiatras empregam os bonecos no tratamento de certas doenças. As escolas de anormais contam-nos, também, entre os mais eficientes materiais didácticos.

Por toda a parte se utiliza, pois, a marioneta, no ensino, seja qual for a matéria proposta.

A Cruz Vermelha australiana serve-se de títeres para ensinar às crianças certos princípios de higiene. E ainda com o exemplo dos bonecos que se consegue levá-las a aceitarem a vacina.

No México, foi pela marioneta que se impôs à juventude o uso da escova de dentes, dando-se, no fim do espectáculo, uma escova a cada um, com a promessa de a utilizar.

A força persuasiva da figura, o prestígio de que, psicologicamente, o boneco goza, no espírito infantil, são poderosos auxiliares, na mentalização de certas regras que a palavra do educador ou mesmo a do mestre jamais poderiam impor.

Modernamente, recorre-se à marioneta, nos mais diversos centros de educação.

Além de ser, altamente, aconselhável nos meios escolares, os pedagogos proclamam-na ainda em clubes de jovens, em cursos de formação de professores, em medidas de educação dos adultos.

Vários congressos internacionais se têm realizado, no sentido de se pugnar pelo emprego do teatro de títeres, na educação.

Em 1961, efectuou-se em Roma um encontro onde se tratou do referido teatro e das suas relações com a Escola. No ano seguinte, novo encontro se realizou em Varsóvia. Dois anos depois, voltou a reunir-se novo congresso, em Leningrado, subordinado à rubrica: “Educação ética e estética de criança, através das marionetas”.

Dentro das modernas técnicas audiovisuais, o lugar concedido à marioneta é de incontestável relevo, no sentido de uma mais fácil e mais pronta aprendizagem de certas rubricas do programa.

Em Buenos Aires, ensina-se a criança a conhecer os diferentes materiais, fazendo agir: uma boneca de **trapo**, um soldado de **chumbo**, um cavalo de **madeira**, um cao de **veludo**, gato de **pele**, um barco de **papel**.

Numa outra escola, confeccionam-se bonecos que serviram para uma história sobre a vida dos Esquimós. A escolha da cor e da indumentária levá-los-á, portanto, a outras civilizações.

Segundo Alexis Philpott, a marioneta desempenha três grandes funções na educação.

1 -- **Educação do público** -- com peças adaptadas a várias idades;

- 2 – Educação do indivíduo, por métodos activos— convidando-se o aluno a manipular as marionetas e a interpretar as respectivas peças:
- 3 – Reeducação — na terapêutica de certas doenças.

Desenvolvendo a matéria enunciada nestas três rubricas, Philipott afirma que, em matéria de educação popular, existe hoje um largo reportório de peças com temas educativos, incluindo os que se referem a assuntos actuais, entre os quais se contam os satélites espaciais. Há, na Alemanha, uma peça para marionetas que desenvolve o tema seguinte: os perigos de conduzir, sob a influência da bebida.

Este teatro é ainda utilizado por brigadas que entram em campanhas de educação das massas, destas fazendo parte, por exemplo, a luta contra o analfabetismo. Quanto à participação da marioneta nos métodos activos, sabemos que o emprego desta arte possui a rara facultade de juntar à imaginação criadora a habilidade manual.

A criança tem na mão a confecção do boneco que poderá ser o que ela quiser. Uma caixa de fósforos servirá de pescoço, uns fios de lã serão o cabelo, os dedos do manipulador fazem agir as mãos da boneca animada. Nesta extraordinária alquimia infantil, tudo pode ser imaginado e representado, num palco, a levantar, não importa onde.

Tudo isto terá de ser somado às oportunidades que se dão à criança de desenvolver o gosto por actividades manuais, futuramente utilizadas noutras esferas de trabalho: a modelagem da cabeça, a confecção do fato, a pintura do rosto.

Aqui, como no restante ensino activo, é necessário um verdadeiro espírito de equipa, sobretudo quando se trata de reeducação de anormais.

Claro que a orientação deste trabalho entra numa esfera reservada ao especialista. Este sabe bem que certas deficiências físicas estão ligadas a enfermidades mentais.

Na terapêutica da fala, observa-se que as enfermidades de linguagem são, muitas vezes, devidas a uma falta de coordenação muscular, à ansiedade, a uma tensão emocional.

Sabe-se ainda que um gago pode falar, correntemente, pela primeira vez, interpretando um papel, numa peça de marionetas.

O Médico poderá, assim chegar ao diagnóstico, através do teatro, que proporciona ao seu doente um tratamento agradável e atraente.

Como toda actividade dramática, este encontro com a marioneta contribui para extroverter a criança,

muito mais do que qualquer outro divertimento. Abre-se, geralmente mais, ao confeccionar os seus bonecos do que ao brindar com os companheiros, noutra sector de diversão. Dialoga mais à vontade com os bonecos do que com a própria mãe, perante a qual apresenta sempre várias inibições. Certos terapeutas servem-se deste teatro para levantar situações familiares. O pequeno será o filho; um outro boneco fará de pai. Insensivelmente, o diálogo nasce; e a confissão brota. Os recalamentos extroverteram-se.

Observadores atentos, o médico ou o pedagogo reúnem dados que lhes permitam reconstituir casos e obter verdadeiras curas.

Sua aplicação directa aos meios escolares

A aplicação da marioneta, ao nível da escola, tem sido, desde longa data, a preocupação dos mais distintos pedagogos.

Em 1905, a Academia das Ciências, Letras e Belas-Artes de Rouen discutiu um trabalho curiosíssimo, intitulado “O Teatro infantil, como processo pedagógico”, no qual reservou papel relevante à dramatização, através de títeres.

Antes de 1914, já se promoviam em França representações de marionetas nas festas escolares.

Pode dizer-se que existe hoje um teatro de bonecos em cada escola primária francesa, no qual se convida o aluno a desenvolver o seu gosto por esta arte, tão útil, no caso da criança difícil, porque estabelece uma união estreita entre o espírito e a mão.

Na medida em que exige movimento a manipulação educa e disciplina.

Quando aplicada aos meios escolares, pode ligar-se, directamente, às matérias em curso, tais como:

Trabalhos Manuais porque

- é preciso construir um palco próprio,
- serrar madeira ou cartão,
- preparar acessórios,
- proceder a colagens.

Desenho porque tem de

- confeccionar os bonecos, segundo esboços, e pintá-los,
- desenhar cenários.

Lingua Materna porque precisa de

- saber articular as palavras,
- construir os diálogos,

